

Centro de Cultura Social

Fundado em 1933

"Estimular, apoiar e promover o estudo de todas as questões sociais, contribuindo para o desenvolvimento do indivíduo dentro da coletividade próspera e livre!"

Publicação Bimestral - Ano 66 - Número 02. São Paulo, Março/Abril de 1999.

Rua dos Trilhos, 1.365-Fundos - São Paulo/SP. - Caixa Postal 2066 - São Paulo/SP - CEP. 01060-970.

EDITORIAL:

Entre Guerra e Desemprego!

Encerraremos o final do milênio com chave de ouro: o capitalismo não poderia iniciar o século XXI de maneira mais ética. Não te assuste leitor, pois no capitalismo fome e pólvora constituem as bases das relações sociais.

Os conflitos de Kosovo, o massacre da OTAN e os 20% de desempregados paulistas, são cenários de um mesmo drama social: a opressão e a exploração econômica de uma esmagadora maioria por uma minoria não apenas rica, mas sobretudo poderosa, centralizadora de todos os mecanismos de controle e de decisão sobre a vida. As consequências de uma tal ordem social não poderiam ser outras, além da guerra e do desemprego. Enquanto uma minoria étnica, quer dizer, um povo cuja identidade de costumes e tradições foi conservada a despeito das diversas tiranias governamentais ao longo dos séculos, tenta libertar-se da sanha totalizante de Milosevic, a OTAN – órgão máximo representativo da opressão ocidental, remanescente

sórdido da velha guerra fria, onde “os bons cristãos capitalistas se armaram até os dentes contra os maus ateus comunistas”, numa divisão de mundos não só imaginária, mas cruel, voraz e criminosa - numa palavra, a maior organização militar do mundo, da qual o poder dizima vidas e ecossistemas em questão de minutos, custa aos seus países membros cerca de 700mil dólares por dia de combate; e que já derramou o sangue de quase um milhar de pessoas. Enquanto isso, minguamos amiúde à sorte do desemprego e da violência social gerada pela crise do capital

Que sã consciência poderia dizer que isto é verdadeiramente um mundo humano?

O homem após ter submetido ao seu pensamento todo o sistema solar, após ter desvirginado até lua, enfim, após ter criado para si e para os seus todo um mundo de progresso onde a vida pudesse subsistir num conforto além daquele tido pelos nossos antepassados gorilas; como, depois de um tal formidável progresso

técnico e social, vivemos e viveremos em pleno século XXI pior que os camponeses da Idade Média?

Temos dito a mais de cem anos, o passado nos dá razão e o presente nos força a repetir: a livre federação dos povos é a única forma de consolidar a solidariedade natural do homem enquanto ser social.

Nenhum governo, em nenhuma época e lugar, foi capaz de despertá-la. A solidariedade só pode nascer das semelhanças, ela é sua expressão. Nenhuma outra força, seja a OTAN ou Milosevic, é capaz de promovê-la, pois ela é sempre a expressão fiel da relação livre entre os homens, ou ela será sempre a opressão e a exploração destes homens.

Por isso: nenhum homem para guerra! Que derramem seu próprio sangue se assim o querem. Nenhum centavo para a indústria da guerra! Neguemos o consumo dos bens produzidos por esses abutres bélicos que se alimentam dos corpos decompostos de nossos irmãos.

"Colônia Cecília": o anarquismo experimental de Giovanni Rossi



A esquerda: Giovanni Rossi depois da Colônia Cecília.

A leitura dramática ocorrida neste 1º de Maio da peça de autoria da companheira Renata Pallottini pelo Núcleo de Teatro do Centro de Cultura Social foi um sucesso. Não apenas demonstrou o profissionalismo e o talento dos atores – entre eles: Francisco Cuberos Neto, Alberto Centurião, Tarcísio José, Yone Prado, João Acaiabe, Cid Gabriel, Fábio, Osmar D’Pieri, Elizabeth, Lígia de Paula – como também ressaltou o vigor da arte teatral na fomentação das idéias libertárias.

Com esta leitura o Núcleo não apenas inaugurou suas atividades

com o devido entusiasmo do público presente, como também inspirou em nós a certeza de um futuro promissor.

Colônia Cecília foi sem dúvida uma das mais importantes experiências do anarquismo brasileiro. Seu idealizador, Giovanni Rossi aos 17 anos já era membro da AIT e aos 22 escrevia o primeiro esboço daquilo que se tornaria, em 1892, a Colônia Cecília: *Une Comune Socialista*.

Para Rossi não bastava apresentar as idéias libertárias como teoricamente as melhores, era necessário demonstrar sua comprovação e mostrar sua viabilidade; a isso dedicou toda a sua existência. Em 1886 redige *Lo Sperimentale*, onde passa a defender

seu experimentalismo; dirá Rossi: *“Deixando em segundo plano a crítica do presente e a glorificação do futuro, nos dedicaremos a demonstrar, pelo exame dos fatos e com o experimento, que esse futuro é possível. [...] Veremos qual tendência demonstra o movimento estatístico de socorro mútuo e de cooperação; analisaremos os conflitos entre autoridade e liberdade, procurando mostrar o quanto o Estado se atrofia diante da inutilidade do governo; que a anarquia é própria dos homens civilizados, livres, honestos e por isso ingovernáveis; solicitaremos aos nossos companheiros de cada cidade e de cada aldeia que se recolham em vida comunitária, onde possam demonstrar, com fatos, que se é possível existir uma comunidade pobre entre os explorados da sociedade moderna, com maior razão será possível uma comunidade abastada entre os livres produtores da*

sociedade futura[...]” (In: MELLO NETO, C. de “O Anarquismo experimental de Giovanni Rossi”, Ponta Grossa, UEPG, pg.75). Rossi não pretendia esgotar a seiva utópica do espírito humano; apesar da palavra ‘experimentalismo’ nos soar meio a cobaias de laboratório, mais do que ninguém Rossi uniu Sonho e Realidade. Seu experimentalismo é, antes de mais nada, utópico; e só pôde ser realizado, primeiro, pela força da fé de seu idealizador, e segundo pela fé dos participantes e voluntários que – é digno de nota – não eram anarquistas na sua maioria. Nem tão pouco Rossi pretendia evidenciar os ‘esboços de uma sociedade anárquica’, esgotando também as possibilidades do futuro. *“Não, o futuro será aquilo que será, e a questão social virá resolvida pelos desejos invasores do desenvolvimento irresistível do espírito humano em todas as suas manifestações”* (op.cit., pg.76).

Transformar os valores humanos para transformar o mundo humano, eis o que nosso experimentalista visava. É de fato uma obra utópica – a despeito do tom pejorativo em que os “bons revolucionários” de gabinete lha empregam –, é de fato um episódio duradouro na história social do homem. É também o que leva a nossa jovem geração a rememorar-lo! Como Rossi, também sonhamos:

*“Aquele noite sonhei a Itália organizada sob o Socialismo. Nas suas oito mil comunas, nas suas centenas de cidade. No dia seguinte contei o sonho a Cecília.
_ Escreve-o, me disse.
_ Para que? Respondi-lhe.
_ Escrever, minha querida, É um ócio cansativo”* (V. Goethe, *Götz di Berlichingen*).
_ Tenho a convicção de vê-lo realizado”.

PROGRAMAÇÃO CULTURAL:

- **08/05/99 - “Revolução em três tempos: cultural, tecnológica e religiosa”**

Railton S. Guedes. Graduado em Administração pela UNICSUL e membro da Frente Zapatista de SP.

- **15/05/99 - “Flechas lançadas ao futuro: adeus companheiro Antônio Martinez”**

José Carlos Orsi Morel, metalúrgico, formado em filosofia e física nuclear pela USP e membro do CCS.

- **22/05/99 – Video-Debate com o filme “Páginas da Revolução”**

- **29/05/99 – “Anarquismo e a Abolição da Punição”**

Edson Passetti. Prof. da PUC/SP, doutor em Ciências Políticas, membro do NU/SOL e editor da Revista Libertárias.

- **12/06/99 – “Quarto de Hotel”**

Leitura Dramática da peça de Roberto Freire pelo Núcleo de Teatro do Centro de Cultura Social. Direção por Alberto Centurião, diretor, ator e autor teatral, graduado em Artes Cênicas pela Faculdade Marcelo Tupinambá.

- **19/06/99 – “Autodidatismo e Anarquismo”**

Antonio Romera Valverde. Prof. da FGV e doutor pela FFCHL/UNICAMP.

- **26/06/99 – “O Humanismo Libertário em Jaime Cubero”**

Cristina Roquette Lopreato. Prof.a. da UFU/MG e doutora em história pela FFLCH/UNICAMP.

- **03/07/99 – “O Herege”**

Leitura Dramática da peça de Morris West pelo Núcleo de Teatro do Centro de Cultura Social. Direção por Alberto Centurião, diretor, ator e autor teatral, graduado em Artes Cênicas pela Faculdade Marcelo Tupinambá.

- **10/07/99 – “Monumentos da Utopia: uma viagem a Europa Libertária”**

Renato Ramos. Geólogo e membro do CELIP/RJ.

- **17/07/99 – “A Noção de Liberdade em Proudhon”**

Jacy Seixas. Prof.a da UFU/MG e doutora em história pela Universidade de Paris/França.

- **24/07/99 – Video-Debate com o Filme “Libertárias”**

- **31/07/99 – 1ª Reunião Trimestral dos Sócios e companheiros do CCS.**

LOCAL: Sede do CCS – Rua dos Trilhos, 1365-fundos - **HORÁRIO:** as conferências e atividades terão sempre início a partir das 16:00hs - **Entrada Franca! Divulgue e Participe!**